

# A difícil tarefa de aprender a fazer política

REJANE DE OLIVEIRA  
Da Editoria de Cidade

Na frente de uma casa pobre no setor "P" norte de Ceilândia, dezenas de crianças se comprimem em torno de uma mulher magra, bem vestida e maquiada. Em folhas de cadernos e até nos próprios braços, podem-lhe autógrafos e poesias. Algumas, mais afoitas, reivindicam camisetas.

Não se trata de nenhuma artista famosa, até porque muito poucas frequentariam as ruas pobres de Ceilândia. É apenas a candidata a deputada Maria de Lourdes Abadia, do PFL, em uma das peregrinações diárias pelo seu maior reduto eleitoral, onde se concentram hoje 150 mil pessoas aptas a votar no dia 15 de novembro.

## CONSTITUINTE?

A quitandeira Antonia Maria Pereira, 58 anos, era uma das eleitoras que cercavam Maria de Lourdes em sua aparição na QNP 13. Analfabeta, como grande parte do eleitorado de Ceilândia, ela não tem a menor idéia do que seja uma Assembléia Nacional Constituinte ("Consti., o quê?). Mas não importa: Antonia Maria não pretende engrassar o cordão dos indefinidos do Distrito Federal e já decidiu que votará em Abadia porque "foi a única que fez alguma coisa por aqui".

Mãe de cinco filhos menores, abandonada pelo marido, a eleitora ceilandense espera de sua candidata "simplesmente tudo". O que pode ser resumido mesmo no desejo de "ter um lugar para trabalhar". Seus votos para senador ela dará a quem Maria de Lourdes determinar, e podem ir tanto para o ex-governador José Ornellas (PL) quanto para o pefelista Osório Adriano, cujos cartazes disputam as paredes do comitê do setor "P".

Como Antonia, a maioria dos eleitores tem pedidos a fazer. Onde quer que a candidata pare, forma-se rapidamente uma fila de pessoas com necessidades a serem atendidas. Não faltam os que chegam ali depois de já terem percorrido os comitês de outros postulantes à Constituinte, declaradamente dispostos a votar em quem solucionar seus problemas.

E o caso do pedreiro Nivaldo Reis, que esperou Abadia durante horas para pedir uma carta de recomendação à Shis. Paciente, a candidata escuta a história do pai de família que, embora pleiteie uma casa do sistema habitacional de Brasília, nunca chegou a inscrever-se junto ao GDF. Dedicadamente, explica-lhe que ele deve se cadastrar na Shis e esperar ser chamado. Desalentado, o pedreiro sai à procura de outro candidato. É voto perdido.

"Eu reconheço a gravidade dos problemas que me trazem todos os dias", explica a candidata do PFL, "Mas não tenho como atender aos pedidos. Aliás, quem vem trocar o voto por algum favor, pode anotar aí, não merece a menor confiança".

## JOGO DE CINTURA

Tida como praticamente eleita pelas pesquisas, a candidata Maria de Lourdes não se considera segura da vitória. Diariamente, ela procura colocar em prática a sua tese de que "onde houver um só voto disponível, o candidato deve ir atrás e tentar conquistá-lo".

Mas essa persistência não foi obtida gratuitamente. Até conseguir o "jogo de cintura" que hoje a habilita a enfrentar platéias hostis com naturalidade, Abadia passou por constrangimentos como o de ouvir, de um eleitor a quem entregava um "santinho", que a foto do folheto era de "megera da Ceilândia". Ou ser mandada para a cozinha por um grupo de homens que a abordou na rua.

A pior situação, contudo, foi vivida pela candidata em debate no Bar Moinho. Segundo Maria de Lourdes, foi a primeira vez na vida que foi vaiada, e isto, garante, pe-

las claques dos candidatos concorrentes. Embora admita que valias em campanha são acontecimentos normais, a pefelista já decidiu que não voltará a participar de debates com adversários. "Depois do Moinho, só debatei com meus eleitores".

## ESCOLA

E é justamente com o desempenho dos seus eleitores no dia 15 de novembro que a candidata está preocupada. Como poucos sabem votar, Abadia resolveu instalar em todos os seus comitês uma espécie de escola eleitoral, e já está recrutando mil pessoas para desenvolverem, nos três dias anteriores ao pleito, um trabalho de esclarecimento junto ao eleitorado.

A candidata chega a temer a possibilidade de anulação das eleições se o número de votos inválidos for muito grande. Depois de tentar explicar as principais dificuldades enfrentadas pelo eleitor, sobretudo o semialfabetizado, decide mostrar o problema na prática. De posse de cópias de cédula eleitoral, Abadia escolhe algumas pessoas de seu próprio comitê e pede que assinalem os candidatos de sua preferência ao Senado. Resultado: todas as cédulas devolvidas foram preenchidas de forma errada, na maioria das vezes apontando mais de um nome da mesma chapa.

A solução encontrada pela candidata pefelista para fazer com que o seu eleitor não perca o voto foi desenvolver um trabalho de memorização do seu número. Como explicou, "até o analfabeto conhece os números, pois joga no bicho e vê as horas. Agora, exigir que ele aprenda a desenhar um nome já é pedir demais".

Pragmática, Maria de Lourdes propõe que nas próximas eleições seja idealizado um modelo de cédula eleitoral específico para os analfabetos. E cita o exemplo do país africano em que o voto é dado ao partido, representado por uma cor e por um animal.

## LAGRIMAS

Quando Abadia desembarca de seu Passat branco em frente ao Centro Comercial de Ceilândia, é como se alguém muito famoso estivesse chegando. Alvorço nas lojas, camelôs a olharem perplexos a candidata e até um bêbado que vem convidá-la a dançar.

Depois de receber seu "santinho", o vendedor de chapéus de palha João Pereira da Costa, 65 anos, garante entre lágrimas que a candidata terá o seu voto: "Eu sou fã da senhora, tenho até um retrato seu lá em casa. Quando vir um voto escrito com meu nome, para a senhora, pode ter certeza de que é meu mesmo".

Ao eleitor emocionado, Maria de Lourdes pergunta se sabe o que é uma Constituinte. A resposta, óbvia, é que nunca lhe explicaram, o que provoca na candidata o comentário de que os políticos perderam uma grande oportunidade, nesta campanha, de esclarecer o eleitorado sobre as leis que regem o País.

## CONTRASTE

Na porta de um supermercado, Abadia é logo cercada de eleitores, principalmente mulheres. Embora não saiba precisar que a participação feminina em seu eleitorado, a campanha da pefelista tem na defesa da mulher a sua principal bandeira eleitoral.

Junto de suas eleitoras, contudo, a candidata se sobressai por diferenças que vão desde a roupa (Maria de Lourdes, de conjunto de linhão e sapato de salto; as outras mulheres, de sandálias tipo havaiana ou até descalças) até a forma de se expressar (ouvir a candidata falando aos seus eleitores e exatamente como escutar uma professora dedicada diante de seus alunos do curso noturno).

Apesar desses contrastes, estranhamente, entre a pefelista e seu eleitorado não há qualquer espaço para intermediários. Eles se entendem perfeitamente.